

## Resenha crítica:

### Os enlutados e suas memórias: uma análise dos relatos familiares sobre a Ditadura Trujillista na República Dominicana

Los enlutados y sus memorias: un análisis de relatos familiares sobre la Dictadura Trujilliana en la República Dominicana

The enlucted and their memories: an analysis of family reports on the Trujillian Dictatorship in the Dominican Republic

ALEXANDRE FIRMO DOS SANTOS<sup>i</sup>  

**Resumo:** A obra resenhada tem por título *Dictaduras: 14 relatos de famílias* (2022), cuja autoria é da venezuelana Rosa Aura Ildefonso Álvarez em que decide reunir um conjunto de entrevistas nas quais retratam a memória e a dor do luto dos muitos familiares que perderam seus entes queridos em função da feroz perseguição do governo trujillista. Tal governo ditatorial instaurado na República Dominicana era marcado pela violência, principalmente, contra aqueles que se opunham. Com este trabalho, Rosa Ildefonso expõe as consequências de um regime ditatorial e suas vilanias a fim de conscientizar os mais jovens dos horrores deste evento traumático.

**Palavras-chave:** Memória. República Dominicana. Regime Ditatorial.

**Resumen:** El libro reseñado se titula *Dictaduras: 14 relatos familiares* (2022), cuya autora es la venezolana Rosa Aura Ildefonso Álvarez en el decide reunir un conjunto de entrevistas en las que retratan la memoria y el dolor del duelo de los muchos familiares que perdieron a sus personas queridas como consecuencia de la feroz persecución del gobierno trujillista. Este gobierno dictatorial en la República Dominicana se caracterizó por la violencia, especialmente contra quienes se le oponían. Con esta obra, Rosa Ildefonso expone las consecuencias de un régimen dictatorial y sus canalladas para concienciar a los más jóvenes de los horrores de este traumático acontecimiento.

**Palabras clave:** Memoria. República Dominicana. Régimen dictatorial.

**Abstract:** The book under review is entitled *Dictaduras: 14 family stories* (2022), which was authored by Venezuelan Rosa Aura Ildefonso Álvarez in which she decided to gather a set of interviews in which they portray the memory and pain of mourning of the many family members who lost their loved ones as a result of the fierce persecution of the Trujillista government. This dictatorial government in the Dominican Republic was marked by violence, especially against those who opposed it. With this work, Rosa Ildefonso exposes the consequences of a dictatorial regime and its villainies in order to make younger people aware of the horrors of this traumatic event.

**Keywords:** Memory. Dominican Republic. Dictatorial Regime.

---

<sup>i</sup> Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS). Bolsista da CAPES. Integrante do grupo de pesquisa CARDILLA - Cartografias dos Processos Decoloniais Literários e Linguísticos Latino-Americanos (CNPq). Graduado (2023) em Filosofia pela UFS. E-mail: alexandre.firmo98@outlook.com.

## Considerações iniciais

A obra resenhada tem por título *Dictaduras: 14 relatos de famílias* (2022), cuja autoria é da venezuelana Rosa Aura Ildefonso Álvarez, ou apenas Rosa Ildefonso. A partir do momento em que seus pais retornam à República Dominicana (RD), a vida da autora ganha contornos que são transportados para as páginas deste livro, que se apresenta como um registro legítimo das lutas enfrentadas, principalmente, por seu pai Sergio Manuel Kaporit Ildefonso Genao. Embora Rosa Ildefonso seja formada em Administração de Empresas e possua tantas outras qualificações na área, ela vem se dedicando a explicar os horrores da ditadura introjetada na RD por Rafael Leonidas Trujillo Molina e seus asseclas.

Organizou sua obra conforme coletava os relatos dos familiares que possuíam parentes vitimados pelas forças de segurança atuantes no período trujillista<sup>1</sup>. Assim sendo, a obra tem um prólogo e uma introdução como forma de “apresentar” a temática para leitores iniciantes no assunto, bem como dedica o primeiro relato às “famílias desconhecidas” que, por sinal, essas descrições iniciais foram pensadas a fim de exprimir o teor do regime ditatorial que exterminou inúmeras pessoas sem nem sequer saber suas procedências. As distribuições que se seguem são destacadas por relatos de família, inclusive, da própria Rosa Ildefonso, que registra a atuação do seu pai durante as expedições de 1959 organizadas contra Trujillo.

Portanto, em vez de “capítulos” e suas numerações subsequentes, há “relatos”. Nesse sentido, ao verificar o sumário, encontraremos “Relato 1” e, logo em seguida, a denominação da família que sofreu com as vilanias do ditador. A propósito, o “Relato 1” nos chama atenção porque trata de uma homenagem e reconhecimento dos homens e mulheres que lutaram contra o trujillismo, inclusive alguns nem dominicanos eram, mas abraçaram causa e, por ela, morreram objetivando reaver a liberdade na RD.

Vale sublinhar que a intenção desta análise não é comentar ou expor todos os relatos dos familiares, mas a partir de experiências registradas teremos noção da maneira como agiam as forças militares de Trujillo, como também nos depararemos com as investidas daqueles que resistiam às ofensivas. Para tanto, selecionamos relatos com o intuito de ilustrar a memória das famílias enlutadas na RD pós-ditadura.

## La 40: o princípio das dores

No Relato 1”, Rosa Ildefonso faz questão de citar os países dos quais os partícipes “desconhecidos” eram provenientes, bem como reforça a importância de cada um deles neste processo de retomada da liberdade e restabelecimento da democracia no país. Embora no relato a autora se dedique a explicar o ato de coragem dos participantes, isso ela o faz coletivamente, até porque os seus nomes eram conhecidos. No entanto, suas histórias permaneciam desconhecidas. Portanto, para serem lembrados como verdadeiros mártires, Rosa Ildefonso dedica o primeiro relato, no qual simboliza também a resistência do povo dominicano.

Dessa maneira, selecionamos também o “Relato 2”, cuja família representada é a “Perdomo Pérez”, devido a riqueza de detalhes oferecidas no depoimento de Giannella Perdomo Pérez, escritora, filha de Eugenio Perdomo Ramírez e irmã de Virgílio Eugenio Perdomo Pérez. Giannella relata que o seu pai era um exímio defensor da liberdade humana e, por isso, não mediu esforços para lutar contra o trujillismo, quando decidiu entrar para o *Movimiento 14 de Junio*,<sup>ii</sup> pelo qual prestou apoio e foi preso em 1960. A depoente menciona como era rotina do seu pai na prisão “La Victoria”, conhecida também como “La 40”,<sup>iii</sup> onde Eugenio seria brutalmente torturado e morto pelos agentes do *Servicio de Inteligencia Militar* (SIM).

A morte de Eugenio foi, dentre tantas outras, a mais brutal porque ele compunha o principal grupo de resistência contra a ditadura no país caribenho. Nesta época, para aqueles que decidiam se opor ao regime de Trujillo, sofriam consequências terríveis, já que estes eram tachados de “desafetos”; portanto, receber tal nomenclatura era o mesmo que ser sentenciado sem revogações (Vega, 1986). Vale salientar as consequências advindas para os “desafetos” do ditador, em que:

Apesar do atroz e eficaz aparelho repressivo, a tirania de Trujillo não conseguiu eliminar totalmente a oposição [...]. As críticas, a resistência por vezes silenciosa mas digna dos chamados “desafetos”, continuaram a aparecer. Era um carimbo que marcava todos aqueles que não pareciam simpatizar com o regime. Interditos do poder, tinham sido expulsos do paraíso para habitar os infernos da dissidência (Vega, 1986, p. 9).

Evidentemente, viver sob estas circunstâncias era desesperador, já que a morte era quase certa e, para isso, os agentes do SIM maltratavam ainda mais os corpos dos detentos que

se encontravam debilitados pelas péssimas condições dentro do cárcere. Giannella Perdomo assevera as atrocidades implementadas com os corpos dos detentos que, mesmo estando mortos, sofriam outras violações, por exemplo, esquartejamento e, em seguida, eram incinerados como se fossem lixos ou eram lançados aos tubarões (Ildefonso Álvarez, 2022). A autora intercala relatos de pessoas diferentes que conviveram com Eugenio Perdomo durante o período em que esteve preso até sua morte; dentre essas pessoas, estava José Israel Cuello Hernández, segundo o qual fez considerações terríficas de como torturavam os prisioneiros.

Para além das torturas, os prisioneiros ainda passavam por um “julgamento”, ou melhor, uma “farsa”, como descreveu José Israel, em que os magistrados condenariam a 30 anos de prisão e uma multa diária de 600 mil pesos (Ildefonso Álvarez, 2022). Já não bastasse todas as condições adversas que os prisioneiros enfrentariam dentro das celas, precisavam lutar pela sobrevivência com as poucas forças que restavam. O relato triste também é uma mistura das emoções transmitidas por Giannella Perdomo ao falar do seu pai, o qual morrera defendendo aquilo que acreditava ser nobre, isto é, a liberdade de um povo. Para tanto, observa-se que a sua filha exprime um contentamento ao declarar seu pai como herói e de quantas vezes ela, junto a sua mãe visitavam-no durante sua permanência nas celas do presídio. Dessa forma, a sensação de realizar a mesma rotina todos os dias sustentou a esperança de ver Eugenio livre da vigilância dos militares do SIM.

## Os exilados e suas convicções

No “relato 11”, a autora destaca a Família Garcia Imbert, que teve alguns de seus membros presos pelos agentes do regime trujillista. O entrevistado, nesta ocasião, foi o célebre químico e professor Freddy Emilio Imbert, o qual relataria a história e as experiências do seu pai, Encilio Bencosme Garcia – conhecido também como Cilo. Valendo-se destes informes, é de suma importância ressaltar que Cilo também foi um expedicionário muito ativo no *Movimiento 14 de Junio*, sendo este o principal motivo que o levou para a prisão na RD; porquanto foi descrito por seu filho como um exímio antitrujillista e, por esta razão, fora perseguido constantemente.

Chama-nos a atenção o fato de que a atuação política antitrujillista se inicia quando Cilo tinha 19 anos e, em sua mocidade, pôde experienciar uma vida carcerária em que não possuía uma localização fixa, já que o regime o trocava de presídio de tempos em tempos. Nesse

ínterim, enfrentou o abandono de parte dos seus parentes que não desejavam ter seus nomes associados ao “desafeto” de Trujillo, possivelmente, por medo das retaliações, as quais eram práticas comuns destinadas aos familiares. Freddy explica que seu pai precisou adotar o seu segundo “*apellido*” Bencosme como estratégia para defender sua família das eventuais consequências autorizadas pelo regime.

Uma das múltiplas estratégias utilizadas pelos insurgentes era o exílio, entendido aqui como recurso estratégico de resistência contra a ditadura; aliás, esta prática era comum nas demais experiências ditatoriais espalhadas na América Latina. A propósito, Cilo exilou-se em Porto Rico no ano de 1947, sendo este o primeiro país em que ele se estabeleceu a fim de fugir da perseguição trujillista. No entanto, tempos depois, foi para Cuba, onde ficaria um período curto e, de lá, decidiu se radicar na Venezuela que, segundo Freddy, seria de maneira definitiva.

Foi na Venezuela que Cilo encontrou seu primo Pascasio Toribio Bencosme García, um médico de formação que também fugia do regime na RD. Freddy declara que, neste encontro, Cilo e Pascasio decidiram enfrentar as vilanias de Trujillo e seu exército ao participarem das expedições do já mencionado *Movimiento 14 de Junio*. Ambos se apresentaram nas expedições em posições de comando, mas tiveram mortes diferentes; no caso de Pascasio, foi alvejado pelo exército trujillista, enquanto Cilo foi feito prisioneiro; no entanto, o relato não aprofunda a maneira em que ele foi morto, o que deixa em aberto algumas especulações. Como forma de reconhecer o heroísmo deles, tiveram seus nomes afixados respectivamente em um hospital e uma biblioteca na cidade de San Francisco de Macorís.

O relato 14 também merece atenção por se tratar da própria família da autora desta obra, isto é, referimo-nos à “Família Ildefonso Alvarez”. Rosa Aura Ildefonso Alvarez enriquece estes relatos com detalhes que quase sempre são deixados de lado, seja por motivos pessoais ou por razões desconhecidas. Assim sendo, Rosa nos apresenta informações sobre as particularidades de seu pai Sergio Manuel Kaporit Ildefonso Genao, que desde jovem já enfrentaria problemas com o regime ditatorial, uma vez que, aos 18 anos foi apreendido pelos agentes de segurança quando ele fora acusado de participar de um complô em 1934; no entanto, acabou recebendo indulto.

Segundo Rosa Aura, esta seria a tônica da vida do seu pai: ora seria condenado à prisão, ora receberia indulto. Sergio logo enfrentaria consequências mais ríspidas no decorrer da sua trajetória de luta a favor dos direitos, dentre eles, estava a liberdade, na qual havia sido

suplantada na RD. Sergio sempre apoiou os movimentos clandestinos internos e, portanto, isso impulsionou os agentes a intensificar perseguições contra os insurgentes; inclusive, o seu irmão Frank também foi partícipe das insurgências antitrujillistas.

A autora Rosa Aura, faz outras considerações importantes em seu relato, como, por exemplo, a situação da família Ildefonso Alvarez, que se dava em função das condições de dois dos seus integrantes. O temor não se limitava apenas nos aprisionamentos carcerários, mas sim ao que faziam com eles nestes lugares. Depois de tantas condenações, Sergio foi orientado a sair do país, não porque temia pela sua vida, mas em virtude de sua família, a quem tinha muito carinho. A Venezuela seria o local escolhido por muitos exilados e, estando lá, deveriam recomeçar suas vidas, buscando ocupar-se com tarefas ou trabalhos em que pudessem manter seu sustento.

Mesmo estando longe de sua terra natal, Sergio continuou na atividade política contra o regime trujillista; aliás, as reuniões passaram a ser mais frequentes, já que boa parte dos exilados saiu da RD pelos mesmos motivos do pai de Rosa Aura. O desfecho da história de Sergio se assemelha às demais aqui relatadas, já que também possuíam suas convicções e, por elas lutavam, ofereceram os seus corpos em troca da liberdade do seu país.

## Considerações finais

Muitos jovens dominicanos já haviam iniciado suas trajetórias em movimentos de resistência durante o regime trujillista. Prisões em massa, exílios e a esperança de que a democracia pudesse ser restabelecida são algumas das razões pelas quais consideramos estes relatos como fontes que retratam as nuances de um período na história dominicana marcada pelo terror praticado pelos agentes das forças de segurança. Não podemos perder de vista as riquezas de detalhes apresentados em cada relato, pois, apesar de algumas semelhanças, cada um possui suas particularidades captadas pelos registros memorialísticos dos entrevistados.

Estes relatos são considerados importantes fontes históricas<sup>iv</sup>, pois retratam e descrevem sujeitos participantes dos movimentos antitrujillistas, os quais enfrentariam as retaliações pelos atos de bravura. Nota-se as dificuldades dos familiares que, por vezes, temiam pela própria vida ou, ainda, passavam por privações financeiras ou alimentares, obrigando-os a se sujeitarem a péssimas condições de trabalhos para se sustentar. Considera-se, por fim, que divulgar estes relatos permite com que não apenas a sociedade dominicana, mas todos que

prezam pela democracia e liberdade, tenham conhecimento dos horrores praticados pelo ditador Trujillo. Além disso, serve também aos mais jovens, a fim de compreender e preservar a história de luta de seus compatriotas.

## Referências

DEINA, M. S. Fonte oral: uma ferramenta a serviço da historiografia contemporânea. In: X ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA ORAL: A HISTÓRIA ORAL E O DIREITO À MEMÓRIA, 2019, **Anais eletrônicos** [...]. Curitiba-PR: Universidade Federal do Paraná. Disponível em:

[https://www.sul2019.historiaoral.org.br/resources/anais/12/abhosul2019/1571324992\\_ARQUIVO\\_0cfae1eff603d0e8eb66e48556fec8d1.pdf](https://www.sul2019.historiaoral.org.br/resources/anais/12/abhosul2019/1571324992_ARQUIVO_0cfae1eff603d0e8eb66e48556fec8d1.pdf). Acesso em 05 abr. 2025.

GARCÍA MICHEL, E. **30 de Mayo Trujillo Ajusticiado**. Comisión Permanente de Efemerides Patrias: Santo Domingo, República Dominicana, 2012.

ILDEFONSO ÁLVAREZ, R. A. **Dictaduras**: 14 relatos de famílias. Santo Domingo-RD: Amigo del Hogar, 2022.

SELIGMANN-SILVA, M. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65 – 82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05 abr. 2025.

VEGA, B. **Unos desafectos y otros en desgracia**: sufrimientos bajo la Dictadura de Trujillo. Fundacion Cultural Dominicana: Santo Domingo, 1986.

## Notas

---

<sup>i</sup> Vale ressaltar a perspectiva da “memória do trauma” que, apesar das suas implicações, perfaz o “compromisso” estabelecido entre a memória individual e a sociedade. Seligmann-Silva (2008) assevera que esta “memória do trauma” advém dos contextos sensíveis vivenciados pelos indivíduos, a esses períodos o referido autor denomina de “catástrofes históricas” que podem ser definidas desde perseguições violentas até genocídios.

<sup>ii</sup> Um movimento clandestino, em sua maioria formado por jovens, os quais dedicaram suas vidas nas expedições de Constanza, Maimón e Estero Hondo em 1959. Tinham como objetivos não apenas resistir as forças ditatoriais, mas também eliminar Trujillo e pôr fim a sua tirania (Garcia Michel, 2012).

<sup>iii</sup> Geralmente os presos eram levados para celas em condições estruturais precárias somado a uma má alimentação o que acelerava o processo de definhamento do corpo. Faz-nos pensar que as mortes desses prisioneiros se iniciam quando ainda estão enclausurados.

<sup>iv</sup> Dentre essas fontes podemos ressaltar aquelas provenientes dos depoimentos, isto é, as fontes orais. Portanto, ao reconhecer a contribuição dos relatos orais nas pesquisas históricas a experiência individual do sujeito é valorizada no processo investigativo (DEINA, 2019). No que se refere aos entrevistados mencionados nesta produção textual, nota-se o poder contributivo dos relatos oferecidos por amigos e familiares das vítimas do trujillismo, enriquecendo o estudo sobre a experiência ditatorial na RD. Porquanto, amplia-se os horizontes de análise dos objetos investigados que, por sua vez, não se limitam apenas aos documentos tidos como oficiais.